

INTERAÇÃO, NARRATIVAS E GÊNERO TEXTUAL: DIÁLOGOS INDISSOCIÁVEIS

*Jeferson Silva da Cruz*¹

Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: jefersonaluno1@hotmail.com

*Henrique Miguel de Lima Silva*²

Orientador UFPB-PROLING
E-mail: henrique.miguel.91@gmail.com

GT: TERRITÓRIO, ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE

Resumo:

O presente artigo propõe-se a discorrer sobre a relação entre gêneros textuais e interação verbal em sala de aula como proposta para ensino de língua materna uma vez que consideramos que o ensino crítico se constitui por meio das práticas sociais, contextualizadas e como ferramenta de construção da cidadania (BRASIL, 1996, 1998, 2014). Levando em consideração a necessidade de aprender a redigir e divulgar conhecimentos, este trabalho centraliza-se na descrição do processo de ensino da produção textual e apresenta uma proposta para construção de narrativas, que pode auxiliar no processo de interação escolar. Consideramos que o papel do docente se efetiva nestas práticas reais de uso da língua. Para o desenvolvimento da pesquisa foi efetuado um estudo bibliográfico embasado nas teorias de, Freire (1996), Brait (2006), Vasconcellos (2007), Citelli (2008), Tapia & Fita (2010), entre outros. Os resultados identificados, nesta pesquisa, demonstram que o gênero narrativo pode colaborar para o exercício da leitura e escrita de textos, apoiado a práticas pedagógicas condizentes. A sugestão de expansão do texto narrativo trabalhado em sala de aula, além de promover uma devida interação entre os colegas de classe, poderá ser difundido por todo o estabelecimento escolar. Pode-se afirmar, que além das qualidades proporcionadas, o docente se encontra com um tempo limitado para o ensino de produção textual, desenvolvendo em algumas circunstâncias uma metodologia inadequada em relação à proposta. Dessa maneira, acreditamos que apesar de todos os empecilhos a atividade de progresso da escrita contribui de forma significativa para construção saber, e deve ser intensamente priorizada na escola da época atual.

Palavras-chave: Gênero textual, orientação, narrativas, interação.

¹ Graduando em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB CAMPUS IV.

² Orientador. Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela Fundação de Ensino Superior de Olinda. Especialista em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Integrado de Pesquisa e Tecnologia (CINTEP) em Parceria com a Faculdade Nossa Senhora de Lourdes (FNSL). Especialista em Psicopedagogia Clínica pelo Centro Integrado de Pesquisa e Tecnologia (CINTEP) em Parceria com a Faculdade Nossa Senhora de Lourdes (FNSL) Pesquisador do Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE-UFPB-CNPQ) e o Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB-UFPB-CNPQ).

ABSTRACT

The teaching of the text in the classroom has been conceived as one of the fundamental tasks for the improvement of the skills of the student, as well as in line with the official documents of education (BRAZIL, 1996, 1998, 2014). Taking into account the need to learn to compose and disseminate knowledge, this paper focuses on the description of the teaching process of textual production and presents a proposal for the construction of narratives, which can assist in the process of interaction. Strategies will be presented as the teaching and learning of specific genre can contribute productively, based on the constant guidance of the teacher. For the development of the research a bibliographic study based on Freire (1996), Brait (2006), Vasconcellos (2007), Citelli (2008), Tapia & Fita (2010), and others was carried out. The results identified in this research demonstrate that the narrative genre can contribute to the reading and writing of texts supported by appropriate pedagogical practices. The suggestion of expanding the narrative text worked in the classroom, in addition to promoting a proper interaction between classmates, may spread throughout the school. It can be affirmed that in addition to the propocionadas qualities, the teacher meets a limited time to the teaching of text production, developing in some circumstances an inappropriate methodology in relation to the proposal. In this way, we believe that despite all the hindrances the progress of writing contributes significantly to building knowledge and should be intensely prioritized in the school of the present day.

Keywords: Textual genre, guidance, narratives, interaction.

1 INTRODUÇÃO

A múltipla capacidade de produção textos rotineiramente tem sido requerida em nossas salas de aula, com intuito de proporcionar ao discente um conhecimento do mundo que o rodeia. A ausência de tempo para o trabalho textual preocupa de forma direta e prejudicial o docente de língua portuguesa, que é considerado um dos principais colaboradores para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de seus alunos.

Diante da necessidade de desenvolver à escrita com funcionalidade de comunicar ao outro uma determinada informação, vemos que a mesma está ligada a uma exigência de inclusão social, na qual o sujeito necessita inserir-se (COELHO & POLOMANES, 2016).

A utilização de práticas pedagógicas adequadas pode auxiliar no progresso do ensino da produção textual, mesmo sendo considerada uma tarefa ampla, o constante acompanhamento do docente é indispensável. O gênero narrativo pode ser abordado em sala de aula de forma em que o ensino se torne dinâmico, e desperte no aluno o gosto pela leitura e produção de textos.

A pesquisa tem como objetivo analisar o ensino teórico do gênero textual, e como o texto narrativo pode ser introduzido como fonte de divulgação de conhecimentos elaborado no meio escolar, através de estratégias que podem ser empregadas pelo professor de forma dinâmica e produtiva.

Para o desenvolvimento do presente artigo foi efetuado um estudo bibliográfico com base no suporte teórico de, Freire (1996), Brait (2006), Vasconcellos (2007), Citelli (2008), Tapia & Fita

(2010), entre outros. As discussões que se encontram dentro do trabalho, foram organizadas da seguinte forma: no primeiro momento fizemos uma abordagem da metodologia de ensino textual que está sendo desenvolvida na escola atual.

Em seguida, foi discutido os principais problemas que o professor se depara mediante a necessidade de desenvolver suas práticas de ensino, e também foi apontado alguns procedimentos pedagógicos que podem ser utilizados para aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem.

Por fim, exploramos a produção do texto narrativo, e apontamos uma proposta de interação que pode ser empregada logo após a conclusão da atividade de produção de texto, levando em consideração às possibilidades existentes para expansão da mesma.

2 A FUNÇÃO DO DOCENTE E A CRISE DA LINGUAGEM

O docente desempenha uma função vital no meio em que estamos inseridos, sendo que sua missão se expande muito além do ensino vários postulados. O mesmo funciona como um articulador, orientador, que permite aos sujeitos que estão inseridos dentro de seu campo um contato direto do conhecimento que evolui cotidianamente.

Levando em consideração a indispensabilidade do ensino da escrita como tarefa escolar, o professor se depara com situações diversificadas, sendo que, se caso necessário deve-se aprimorar o máximo possível a sua interação com o corpo discente, para que possa contribuir para reversão do quadro de desmotivação em sala de aula (TAPIA & FITA, 2010).

Segundo Coelho & Polomanes (2016), atualmente contemplamos uma escola em que se escreve pouco, funciona precariamente e com ausência de vários materiais que poderiam auxiliar no processamento da aprendizagem, e o estudante somente tem acesso ao conhecimento teórico, em casos distintos, pela intermediação oral. Citelli (2008 p.15), afirma que: “a crise da linguagem é a crise da escola, que é a extensão da própria crise social, econômica, que, de um ou outro modo, acompanha a sociedade brasileira”.

Então, desenvolver a leitura e produção de textos no universo escolar constantemente proporcionará ao discente um contato maior com as ferramentas educacionais que podem ser utilizadas para o enriquecimento de seu conhecimento.

Neste sentido:

Não se pode esquecer, além disso, que o passar do tempo é um fator importante de aprendizado linguístico, porque implica a interação social cada vez mais complexa para o aluno que vai crescendo. Se a escola tiver um projeto de leitura, isso é

pressupõe que ele terá cada vez mais contato com a língua escrita, na qual se usam as formas padrão que a escola quer que ele aprenda (GERALDI, 2004, p. 37).

O ensino da escrita deve ser um exercício constante em sala de aula, merecendo uma prioridade de espaço nas aulas de língua de materna. Segundo Barbeiro & Pereira (2007, p.8), “a aprendizagem da escrita é reconhecidamente um processo lento e longo. A complexidade da escrita e a multiplicidade dos seus usos e finalidades tornam imperioso que constitua objeto de ensino desde o início da escolaridade”. O gênero textual em suas variadas formas abre novas fronteiras de comunicação e possibilita uma devida interação entre o escritor-leitor, levando em consideração a relevância do mesmo como fonte de construção fundamental para a vida em sociedade.

2.1 A ESCOLA E O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Quando se discute sobre o aprendizado da escrita, não é novidade que o aluno tem que saber dominar a leitura de maneira fluente para que seja possível produzir um número ilimitado de textos. Logo, imaginemos uma série de fatores que precisam estar meramente interligados para o desenvolvimento da produção textual, sendo assim, vemos a escola como o principal espaço onde é “reproduzido” o ensino-aprendizagem da escrita.

Na instituição escolar atual, pode-se notar que o corpo discente se encontra com uma grande bagagem de dificuldade que fragiliza a produção textual em sala de aula. Vários questionamentos são levantados a respeito do porque os alunos não aprendem a escrever, em resposta à questão, Fonseca (1994, p.150), destaca que: “na escola, não se ensina a escrever”. Portanto, a produção se torna a cada dia um obstáculo intenso para o estudante que pouco é “incentivado” a exercitar a prática de escrita, segundo Carvalho (2001), a maior dificuldade que o sujeito encontra está em alcançar um conteúdo suficiente, porque o mesmo tem pouco conhecimento do assunto que é exigido que seja escrito.

2.1.1 O PROFESSOR E A BARREIRA DO ENSINO

Para ensinar textos aos alunos o professor de língua portuguesa necessita de um planejamento adequado e de um máximo de aulas possíveis para o ensino da produção textual. A orientação da escrita de textos é uma tarefa bastante complexa e que não é efetuada de aula para outra. De acordo com Coelho & Polomanes (2016), O docente se encontra com um tempo limitado para cumprir as exigências do processo de escrita, pois é necessário um espaço cronológico para elaboração de seu plano de ensino e acompanhamento do desenvolvimento dos sujeitos.

O cenário que o educador se depare é bastante crítico, pois, as condições para o seu trabalho nem sempre são favoráveis, as salas de aula comportam um número elevado de estudantes, nem sempre a escola disponibiliza matérias de pesquisa como livros e revistas, em diversos casos a ausência de uma climatização adequada, proporcionando um clima desconfortável para ambas partes. Desse modo, lecionar se tornou um dos grandes desafios da atualidade; segundo Vasconcellos (2007), a função do professor é uma das mais complexas do ser humano.

2.1.2 A ORIENTAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PRODUTIVA

O professor é visto como um principal orientador que pode auxiliar um conjunto de alunos na construção do conhecimento, diante as atividades escolares. Levando em consideração o acompanhamento constante da escrita de textos em sala de aula como principal meio que possibilita uma maior interação e que tem objetivos bem concretizados, Citelli (2008) destaca que: a criatividade de textos no ambiente escolar deve ser procedida com etapas bem definidas pelo docente.

A interação entre professor-aluno possibilita uma descoberta mais profunda da dificuldade em que o discente pode estar enfrentando, além do mais quando o docente assume uma postura de motivador, seus alunos sentem-se mais seguros para interagir, planejar, criar, recriar e repetir quantas vezes for necessária a atividade proposta. Neste contexto, “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE,1996, p.47).

É bastante comum nos depararmos com alunos desmotivados em sala de aula, por decorrência de vários fatores que tanto podem ser internos ou externos a escola. O professor pode ser visto como um agente que contribuí para reversão do quadro de desmotivação, fortalecendo no estudante o interesse pela aprendizagem.

Em diversas ocasiões a desmotivação pode ser estar ligada a forma em que a aula está sendo ministrada. Tomando como exemplo a produção de textos que é uma atividade bastante densa, alguns professores desenvolvem uma metodologia de ensino inadequada, fazendo uma má orientação, não explorando o assunto para ouvir o qual é o conhecimento prévio que o aluno possui, e distribuindo notas de forma injusta.

Desta maneira:

Os processos de ensino-aprendizagem são satisfatórios quando se estabelece uma conexão, uma sintonia entre o professor e os alunos, uma cumplicidade. Isso só

determinados professores artistas são capazes de fazer (TAPIA & FITA, 2010, p.90).

No entanto, é necessário fortalecer os laços de interação, discutir as opiniões junto com a turma, buscando sempre na medida do possível o modelamento do processo de ensino-aprendizagem para ambas partes sejam beneficiadas.

2.1.3 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO-APRENDIZAGEM DA ESCRITA

No mundo contemporâneo a escrita é o principal meio que é utilizado para garantir a circulação de diversas informações, quando é feita a utilização dos aparelhos tecnológicos, a escrita propicia aos indivíduos uma interação numa velocidade complexamente acelerada. Daí então, ressaltamos a importância do ensino na escola, para que a mesma seja manuseada de maneira correta e com finalidades bem definidas.

O mercado de trabalho frequentemente exige profissionais qualificados que saibam desempenhar claramente o exercício da linguagem formal, seja ele em sua forma oral ou escrita. Conforme Coelho & Polomanes (2016, p.12), “atualmente, quase todos os programas de seleção pessoal exigem aptidões comunicativas mais amplas e, cada vez mais, optam por avaliações centradas no uso da língua escrita”.

2.1.4 PRODUÇÃO TEXTUAL EM SALA DE AULA

Aprender a descrever ideias de maneira compreensível e adequada a um determinado tipo de gênero de textual, se tornou um dos desafios em sala de aula. Quando um aluno entende à proposta ofertada, para que seja estruturada na modalidade escrita, e sabe moldar os seus conhecimentos a uma tipologia determinada de texto que é solicitado que desenvolva, em diversos casos a produção do mesmo não tem o seu reconhecimento necessário.

Nesta concepção, podemos entender que:

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação do emprego da língua é, pois, artificial (GERALDI, 2004, p. 65).

De acordo com Barbeiro & Pereira (2007, p.34), “quando concluído o texto, pode ser colocado num suporte que o disponibilize para a turma ou para um público mais alargado”. Então, por meio da afirmação anterior, vemos a necessidade de expandir o texto produzido pelo aluno por toda a escola, para que outros leitores possam entrar em contato com a escrita construída pelo autor que convive no mesmo espaço escolar, tendo o objetivo focado na interação que pode ocorrer na

sala de aula e em seu exterior. O discente sente-se mais apto, quando o produto final de sua produção é apreciado pelo educador e difundido por toda a instituição escolar.

2.1.5 AVALIAÇÃO DE TEXTOS

É de suma importância que toda produção textual seja avaliada, sendo que, o mestre pode atribuir critérios de acordo com o produto final do texto. Todo processo de correção e avaliação deve ser feito como muita calma, e com bastante preparo por parte do docente, que deve ter o máximo de atenção no momento da realização dessa tarefa. Therezo (2006) declara que: é importante lembrar que o principal objetivo de uma correção e avaliação de textos deve ser sempre a orientação, e não a penalização.

Os erros detectados durante a correção do educador abrem uma nova possibilidade para o trabalho em sala de aula, onde o mesmo, poderá comentá-los tendo como propósito a oferta de sua orientação como meio para sanar as dúvidas da classe. Após a realização do feedback, ele pode estimular o aluno a reescrever o texto, atentando-se para o aprimoramento dos pontos em que foi avistado certas dificuldades. Posteriormente, depois que o texto passar por todo um processamento de correção, esse estará apto para circulação.

2.1.6 O ALUNO E SEU TEXTO NARRATIVO

A criança ou adolescente podem desenvolver a múltipla capacidade de criatividade utilizando o texto narrativo construído por si mesmo. Cremos que a escrita de uma narrativa pode ser uma atividade prazerosa, que possibilita ao estudante uma nova experiência para criar um “novo mundo” de acordo com seus principais conhecimentos.

O discente nesta atividade tem a oportunidade de estruturar suas ideias narrando por meio da escrita, histórias reais ou fictícias, elaborando espaços e personagens. Segundo Brait (2006, p.66), “a sensibilidade de um escritor, a sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar nos seus movimentos a complexidade dos seres que o habitam realizam-se na articulação de verbal”. O escritor é capaz de enriquecer a sua produção apresentando um toque de mistério em cada ponto de seu texto, prendendo assim a atenção do leitor.

Em suma, consideremos o exercício do gênero narrativo como de fundamental importância para o ensino-aprendizagem em sala de aula, podendo criar um círculo de socialização e interação na instituição escolar.

3 A NARRATIVA COMO MEIO DE INTERAÇÃO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA

O gênero textual narrativo pode ser trabalhado com os alunos de forma que possibilite uma dinâmica entre o escritor-leitor. Antes de tudo, é crucial que o professor explique aos estudantes como se constrói uma narrativa, descrevendo a sua estrutura e seus elementos complementares. O objetivo da produção deve estar sempre firmado na expansão do conhecimento que pode ser elaborado em sala de aula.

Com intuito de expandir o produto final do texto produzido em classe, apontaremos uma proposta que pode ser dividida em três fases.



Exemplificando, cada etapa poderia ser procedida da seguinte forma:

1ª Formulação do texto narrativo: o orientador tem a possibilidade de instruir o discente a produzir um texto narrativo de maneira individual, atentando-se para se caso for necessário solicitar uma reescrita, indicando quais são os principais pontos que merecem correções. De acordo com Morales (2008, p.124), “É facilmente compreensível que o aluno preste mais atenção à correção de seus erros sabendo que haverá outra oportunidade de manifestar seus conhecimentos”.

2ª Seleção textual: após estruturar o texto, nesta fase de maneira coletiva pode-se formular pequenos grupos de alunos, onde cada um trocando seus textos devem efetuar uma leitura da escrita do colega. Logo após, a equipe poderá entrar em um consenso e fazer a seleção de uma produção mais adequada. “Em sala de aula há um alto nível de interação coletiva, não só professor-alunos, mas também aluno-aluno” (VASCONCELLOS, 2007, p.39).

3ª Encenação da narrativa: Vasconcellos (2007) afirma que o professor pode adotar um conjunto de técnicas novas e algumas práticas como suporte adequado para o desempenho do trabalho satisfatório em sala de aula. Levando em consideração a afirmação antecedente, na última etapa da atividade sugerida, os grupos têm a possibilidade de montar uma encenação do texto narrativo escolhido, de maneira coletiva poderão criar um mini cenário, dividir os personagens e

interagir com os demais. Essa proposta, pode ir além das quatro paredes da sala de aula e percorrer por toda escola, para que os demais membros possam ter contato o mundo de ideias que constantemente renova-se.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita é considerada um dos principais meios que garantem múltiplas formas de comunicação entre os indivíduos, em virtude da qualidade descritiva o seu ensino-aprendizagem é indispensável, sendo considerado como de fundamental importância desde o primeiro ingresso do aluno na escola.

O gênero narrativo como uma atividade textual interativa, apoiado a práticas pedagógicas cabíveis, pode possibilitar ao discente o contato com um campo de ideias que é imposto ao seu favor, disponibilizando oportunidades para execução da leitura, operação da escrita e divulgação do produto final do texto elaborado por si próprio, de acordo com a orientação adequada do professor.

O docente encontra-se com um tempo bastante limitado para o trabalho de produção textual em sala de aula, abrindo possibilidades para procedimento em algumas circunstâncias de uma metodologia de ensino inapropriada. Mesmo diante de todos os empecilhos, acreditamos que o exercício constante da leitura e produção de textos proporcionará ao aluno um conhecimento maior do mundo que o rodeia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. Desenvolvimento das competências em escrita. In: COELHO, F. A; PALOMANES, R. **Ensino de produção textual**. São Paulo. Contexto, 2016. p. 09-21.

BARBEIRO, L. F; PEREIRA, L. A. **O ensino da escrita: a dimensão textual**. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação, Lisboa, 2007.

BRAIT, B. **A personagem**. 8ª.ed. São Paulo: Ática, 2006. 95p. – (Princípios; 3).

CARVALHO, J. A. B. (2001). **O ensino da escrita**. Disponível: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/481/1/Jos%C3%A9%20Brand%C3%A3o%2073-92.pdf>. Acesso em: 03/04/2017.

CITELLI, B. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**. 4ª.ed. São Paulo: Cortez, 2008 – (Coleção aprender e ensinar com textos, v.7).

FONSECA, F.I. (1994). Gramática e Pragmática. **Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português**. Porto: Porto Editora.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, J. W. (org.). **O Texto na Sala de Aula**. 3ª.ed. São Paulo: Ática, 2004. 136p.

MORALES, P. **A relação entre professor-aluno o que é, como se faz**. 7ª. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

TAPIA, J. A; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula**. 9ª.ed. São Paulo: Loyola 2010.

THEREZO, G. P. **Como corrigir redações**. 5ª.ed. Campinas: Alínea, 2006.

VASCONCELLOS, C. S. Para onde vai o professor?. **Resgate do professor como sujeito de transformação**. 12ª. ed. São Paulo: Libertad, 2007.